



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Índice IBC-Br aponta alta de 0,2% da atividade no 4T23

Os números finais de atividade do 4T23 devem mostrar que a economia ficou relativamente estável no período, embora com leve viés positivo. Agora há pouco, o Banco Central informou que o índice IBC-Br de atividade econômica, considerado uma proxy do PIB, cresceu 0,8% em dezembro, apoiado pela alta da indústria e do setor de serviços no mês. Com isso, a atividade registrou ligeiro crescimento de 0,2% no quarto trimestre, segundo o indicador. Ainda hoje, a FGV divulga o Monitor do PIB, que também deve mostrar um número próximo a estabilidade no trimestre, impulsionado, de um lado, pelo consumo das famílias, enquanto os investimentos tem mostrado baixo dinamismo. O resultado oficial do PIB do 4T23 e de fechamento de 2023 será divulgado pelo IBGE no dia 1º de março.

No campo fiscal, a Receita Federal deve divulgar (sem data definida) os números da arrecadação de impostos de janeiro, que devem mostrar um crescimento expressivo. O consenso do mercado prevê crescimento real de 6,5% no mês (ante jan/23), beneficiado pelo ingresso de recursos decorrentes da tributação dos fundos exclusivos e *offshore*, aumento da arrecadação de PIS/Cofins sobre os combustíveis (não vigente em janeiro de 2023); e aumento da arrecadação de tributos ligados ao mercado de trabalho (receita previdenciária e com IRRF) devido à resiliência do segmento. Tal cenário pode levar a uma melhora das projeções para o resultado fiscal deste ano, embora ainda não o suficiente para zerar o déficit.

Sobre o setor bancário, o Comitê de Estabilidade Financeira (Comef) do Banco Central se reúne, na quarta-feira (21), para definir o Adicional Contracíclico de Capital Principal (ACCP). Embora não haja perspectiva de mudança do indicador, que deve seguir em zero, será importante observar o documento da reunião, que traz uma análise detalhada do regulador sobre o setor, com atenção sobre a avaliação em relação ao crédito imobiliário (disponibilidade de *funding*) e evolução dos índices de inadimplência.

No cenário internacional, destaque para a ata da última reunião do Fed que será divulgada na quarta (21) e pode trazer informações adicionais sobre a perspectiva do Colegiado para o início do processo de cortes dos juros. Embora o comunicado pós-decisão tenha adiado tal discussão, a ata pode trazer novas informações sobre o processo de decisão do Fed e quais variáveis o Colegiado tem analisado com maior atenção para decidir o momento ideal para iniciar o ciclo de cortes dos juros. Por enquanto, a maior parte dos agentes migrou suas apostas para a reunião de junho, após os dados mais fortes de inflação divulgados na última semana.

A semana também traz dados de atividade dos EUA e da Zona do Euro. Na quinta-feira (22), serão divulgadas as prévias de fevereiro do indicador PMI para ambas as economias, onde a expectativa é de alguma moderação da atividade nos EUA, após números fortes no fim de 2023 e em janeiro, enquanto na Zona do Euro, a expectativa é de alguma recuperação, embora ainda em território contracionista (abaixo de 50 pts). Ainda em relação à atividade, também serão conhecidos números do setor imobiliário nos EUA e de confiança dos consumidores na Europa. Por fim, no continente europeu também será conhecida, na quinta (22), a leitura final da inflação (CPI) de janeiro, cuja expectativa é que confirme o resultado da prévia e desacelere para 2,8% (ante 2,9%) no acumulado em 12 meses.

Na China, hoje (19) à noite o Banco Central (PBoC) definirá as taxas *prime* de empréstimos para 1 e 5 anos, onde a expectativa é de reduções, com a taxa de 1 ano caindo para 3,40% aa (ante 3,45% aa) e a taxa de 5 anos para 4,10% aa (ante 4,20%). Resta saber se a pequena magnitude do corte será suficiente para estabilizar a economia e melhorar as perspectivas para o país asiático.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/fev	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Dez/23	0,8% m/m 0,5% a/a	0,0% m/m 2,2% a/a
19/fev	FGV: Monitor do PIB	Dez/23	-	0,5% m/m 2,6% a/a
21/fev	BCB – Reunião do Comitê de Estabilidade Financeira (Comef)	Fev/23	-	-
23/fev	FGV: Sondagem de Confiança dos Consumidores	Fev/24	-	90,8 pts
Sem data	RFB: Arrecadação Federal da Impostos	Jan/24	6,5% a/a	5,1% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/fev	China	Taxas Prime de 1 ano e 5 anos	Fev/24	3,40% aa / 4,10% aa	3,45% aa / 4,20% aa
21/fev	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Fev/24 – prévia	-15,5 pts	-16,1 pts
21/fev	EUA	Ata da última reunião do Fomc/Fed	31/jan/24	-	-
22/fev	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Fev/24 – prévia	47,0 pts / 48,8 pts	46,6 pts / 48,4 pts
22/fev	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/24 – final	2,8% a/a	2,9% a/a
22/fev	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Fev/24 – prévia	50,5 pts / 52,1 pts	50,7 pts / 52,5 pts
22/fev	EUA	Vendas de casas existentes	Jan/24	5,0% m/m	-1,0% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Preços das *commodities* agrícolas caem em fevereiro e sugerem que pico da alta dos alimentos pode ter ficado para trás

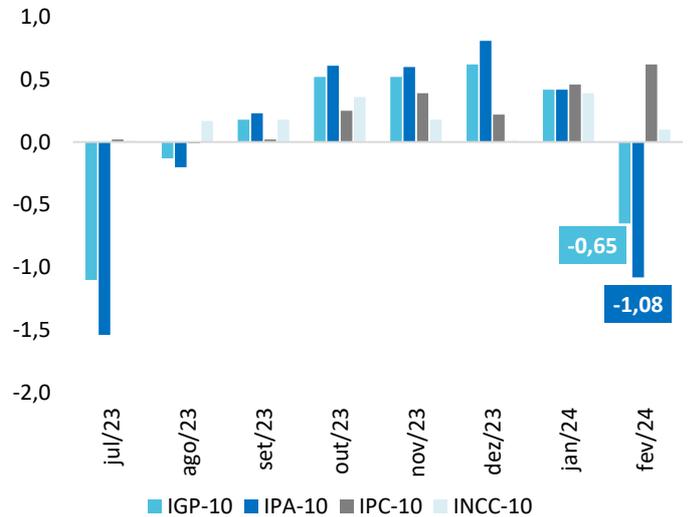
O Índice Geral de Preços (IGP-10), calculado pela FGV, recuou 0,65% em fevereiro e mostrou a menor taxa em 7 meses, com uma melhora nos preços do atacado. A publicação mostrou que o índice perdeu força ante a alta de janeiro (+0,42%), além de voltar a recuar em 12 meses, passando de -3,20% em janeiro para -3,84%.

No mês, a melhora ocorreu, sobretudo, nos preços de importantes *commodities* agrícolas no atacado, que mostraram uma mudança significativa na dinâmica dos últimos meses. O milho, por exemplo, passou de uma alta de 10,52% em janeiro para queda de 4,99% em fevereiro, enquanto a soja passou de uma redução modesta de 1,26% em janeiro para um recuo acentuado de 15,01% em fevereiro. Este movimento, segundo a FGV, decorre da perspectiva de um impacto menor do fenômeno *El Niño* sobre a safra agrícola, contribuindo para descomprimir os preços de tais itens no atacado. Com isso, o IPA agropecuário passou de uma alta de 2,22% em janeiro para uma deflação de 2,36% em fevereiro.

A leitura também mostrou recuo de 0,61% dos preços industriais no atacado, puxado pela queda do minério de ferro (-1,05%) e do óleo diesel (-4,25%). Em conjunto, o recuo dos IPAs industrial e agropecuário levaram o índice do atacado (IPA) a recuar 1,08% em fevereiro (ante alta de 0,42% em janeiro). Tal queda mais do que compensou a leve aceleração dos preços ao consumidor (IPC), que passou de 0,46% para 0,62% (pressionado pelos típicos reajustes no início de ano) e a nova alta do índice de custo da construção (INCC), de 0,10%.

No geral, o resultado traz uma perspectiva positiva para a inflação, sugerindo uma menor pressão de alta dos preços dos alimentos no varejo nos próximos meses, além da manutenção do quadro benigno da inflação de bens industriais.

Quadro 1: IGP-10 e Aberturas Var.% mensal



Fonte: FGV

Quadro 2: IGP-10 – Var.% acumulada em 12 meses



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Inflação acima do esperado nos EUA aumenta cautela com Fed

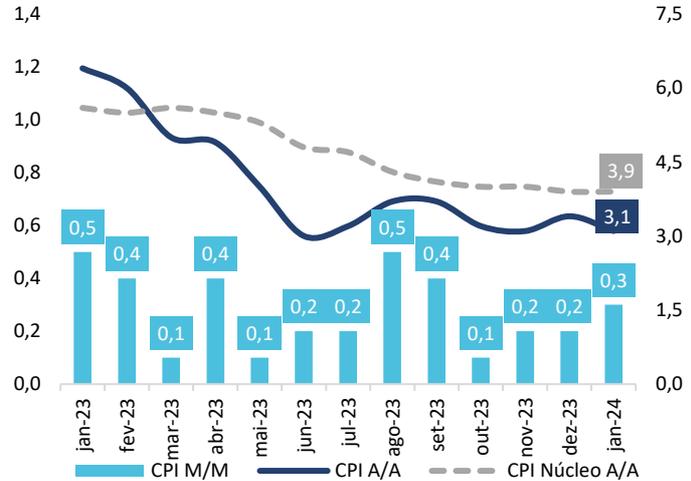
A semana foi marcada pelo retorno da preocupação dos agentes com a inflação nos EUA, em função das leituras de janeiro, ao consumidor (CPI) e ao produtor (PPI), acima do esperado. Os resultados deram força a tese que o Fed deve adotar uma postura mais cautelosa, retardando o início do processo de queda dos juros, cuja expectativa agora é que ocorra apenas a partir de junho. Já os dados de atividade vieram mais fracos do que o esperado em janeiro. Porém, o mercado entendeu a leitura como atípica, uma vez que o mês foi impactado por um inverno rigoroso, que atrapalhou as compras dos consumidores, não sendo assim um sinal de uma tendência de enfraquecimento da economia norte-americana, dado que o mercado de trabalho segue forte, embora seja necessário observar os dados dos próximos meses.

O CPI de janeiro subiu 0,3% no mês, acima da expectativa (+0,2%) e do dado de dezembro (+0,2%). A alta foi puxada tanto por itens mais voláteis como gás encanado (+2,0%) e alimentação fora do domicílio (+0,5%), como por serviços, como os alugueis (+0,6%) e serviços médicos (+0,7%). Com o resultado, o indicador desacelerou em 12 meses para 3,1% (ante +3,4%). Já o núcleo do indicador (sem alimentos e energia) ficou estável em 3,9%, reforçando a resistência da inflação, em especial dos itens de serviços, o que reforça a cautela do Fed até o momento. O PPI também veio acima do esperado, com alta de 0,3% (ante expectativa de 0,1%), ficando praticamente estável em 12 meses em 0,9% (ante 1,0%).

Quanto à atividade, houve surpresa negativa em janeiro, mostrando alguma perda de força da economia norte-americana no início do ano. As vendas no varejo apresentaram queda de 0,8% no mês, onde era esperada uma queda mais contida (-0,2%). O resultado corresponde a maior queda desde mar/23 (-0,9%), refletindo, principalmente, o fim da temporada de compras, o inverno rigoroso no mês e o aumento da inadimplência do cartão de crédito nos EUA. Já a produção industrial caiu 0,1% no mês, onde era esperada alta (+0,2%), refletindo as quedas no segmento de mineração (-2,3%) e manufatura (-0,5%), quase totalmente compensado pela alta do setor de *utilities* (+6,0%).

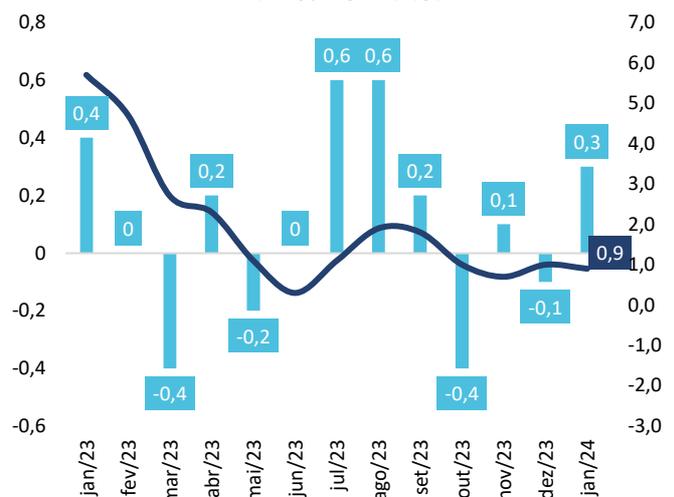
Por fim, na Zona do Euro, a produção industrial de dezembro surpreendeu o mercado ao registrar forte alta de 2,6% no mês, o melhor desempenho desde ago/22. O desempenho refletiu o forte crescimento da produção de bens de capital (+20,5%), e em países como Irlanda (+23,5%), Holanda (+6,6%) e Dinamarca (+5,6%), não alterando o quadro de fraqueza em suas principais economias, como na Alemanha (-1,2%).

Quadro 3: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % m/m e a/a



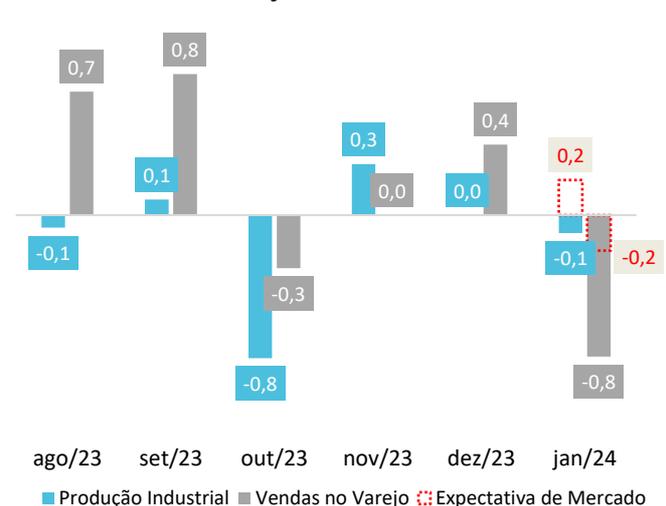
Fonte: Bloomberg.

Quadro 4: EUA – Inflação ao Produtor (PPI)
Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 5: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção para expansão do crédito em 2024 fica em 8,4%

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 18 bancos entre 06 e 09 de fevereiro, apontou relativa estabilidade na expectativa de crescimento da carteira total de crédito em 2024, que ficou em 8,4%, ligeiramente abaixo dos 8,5% apontados na pesquisa de dezembro.

As novas projeções mostraram uma revisão baixista concentrada na carteira PJ Livre, que passou de 7,6% para 7,4%, compensada por estimativas mais positivas nos demais segmentos. A projeção da carteira PF Livre, por exemplo, subiu de 8,8% para 8,9%, embora não o suficiente para conter a redução na expectativa de crescimento da carteira Livre total, que passou de uma alta de 8,4% para 8,1%.

Na carteira direcionada, a expectativa de crescimento para 2024 subiu de 8,6% para 8,9%, impulsionada especialmente pela previsão de maior expansão da carteira PJ, que passou de 7,6% para 8,8%. A expectativa para a carteira PF Direcionada, por sua vez, sofreu pouca alteração, passando de 8,9% para 9,0%.

Quanto à taxa de inadimplência da carteira Livre, a Pesquisa capturou uma leve melhora na projeção para 2024, saindo de 4,6% (pesquisa de dezembro) para 4,5%, o que corresponde a uma modesta queda em relação ao nível atual do indicador (de 4,7% em dez/23, segundo o BCB). O resultado reforça a tese de

que a trajetória de redução do indicador deve seguir neste ano. Para 2025, a estimativa ficou em 4,3%, sugerindo continuidade de tal movimento no próximo ano.

A pesquisa também trouxe as primeiras estimativas para o crédito em 2025. A projeção para o saldo da carteira total em 2025 ficou em 8,1%. O resultado aponta uma alta de 8,6% na carteira Livre e de 8,0% na carteira Direcionada. Assim, vale notar que a expectativa é de que o crescimento do crédito em 2025 deve voltar a ser liderado pelo crédito livre, mais sensível ao ciclo econômico. Adicionalmente, as projeções também apontam a manutenção de um robusto crescimento do crédito às famílias (+9,1% tanto na carteira Livre quanto na Direcionada), que, entre os segmentos, deve seguir liderando a expansão do crédito no próximo ano.

No geral, os números consolidam a percepção de que o mercado de crédito tende a apresentar uma evolução mais positiva em 2024, especialmente na carteira com recursos livres, beneficiada pela queda das taxas de juros e dos índices de inadimplência. Além disso, cabe notar que, caso se confirme, tal aceleração é mais expressiva do que aparenta, porque em termos reais, o crescimento do crédito sairia de cerca de 3,0% em 2023 para 4,5% neste ano.

O Quadro 6 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual, e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 6: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2024		2025	
	Pesquisa Dez/23	Pesquisa Fev/24	Pesquisa Dez/23	Pesquisa Fev/24
Carteira Total (var. % – total do SFN)	8,5	8,4	-	8,1
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	8,4	8,1	-	8,6
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	7,6	7,4	-	8,3
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	8,8	8,9	-	9,1
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	8,6	8,9	-	8,0
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	7,6	8,8	-	7,7
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	8,9	9,0	-	9,1
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,6	4,5	-	4,3

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

* Nem todas as IFs imputam projeções para todas as aberturas, fato que pode causar alguma discrepância entre a projeção para o crédito total e suas aberturas.

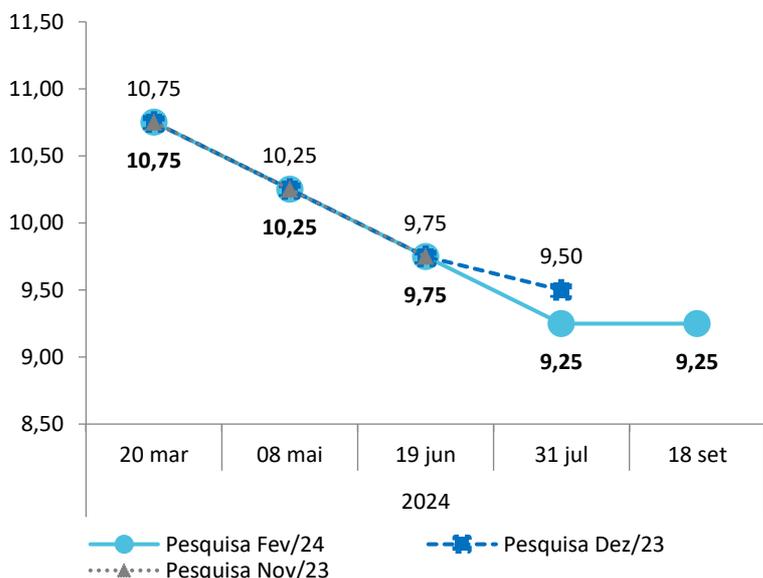
Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- Metade dos entrevistados acredita que a taxa Selic deve fechar 2024 acima de 9,0% aa. Tal constatação pode ser explicada pela dinâmica do mercado de trabalho, inflação de serviços pressionada e reavaliação das expectativas em relação ao Fed, que parecem impor um viés de alta para a taxa Selic.
- Assim, a expectativa (mediana) é que o ritmo de cortes permaneça em 0,50 pp até julho, quando chegaria a 9,25% aa. A partir de setembro, a taxa ficaria estável em tal patamar.
- Em relação ao câmbio, é aguardada uma relativa estabilidade abaixo do nível de R\$/US\$ 5,00 até o final do 3º trimestre de 2024.
- Quanto à inflação, cerca de 61% dos entrevistados projetam que o IPCA deve encerrar o ano em 3,8% (atual consenso do mercado) ou abaixo. Apesar da piora da inflação de serviços, uma possível menor inflação projetada para os alimentos e os itens monitorados ajudam a explicar o resultado.

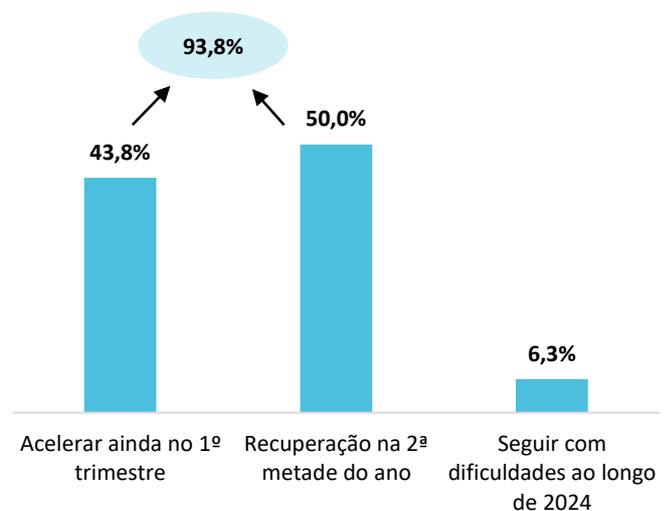
- Em relação à atividade, as projeções parecem ter novo viés de alta, com metade dos participantes esperando que o crescimento econômico surpreenda novamente em 2024 e fique acima de 1,6%, conforme estimado até o momento pelo consenso.
- No campo fiscal, pouco mais da metade (55,6%) dos entrevistados projetam que o déficit primário deve ficar em torno de 0,8% do PIB (mediana do mercado). No entanto, o viés é de um resultado melhor, uma vez que 38,9% esperam um déficit inferior a 0,8% do PIB.
- No cenário internacional, as expectativas têm migrado para um início do processo de queda dos juros pelo Fed apenas a partir de junho, conforme apontam 50% dos participantes.
- Em relação ao desempenho do crédito Livre PJ, a expectativa (para 93,8% dos participantes) é de alguma melhora ao longo de 2024, após o fraco desempenho de 2023. Para 43,8%, o segmento deve voltar a acelerar ainda no 1º trimestre, enquanto 50% esperam que tal movimento ocorra apenas a partir do 2º semestre.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 7: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 8: Expectativa para o desempenho do crédito Livre PJ



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

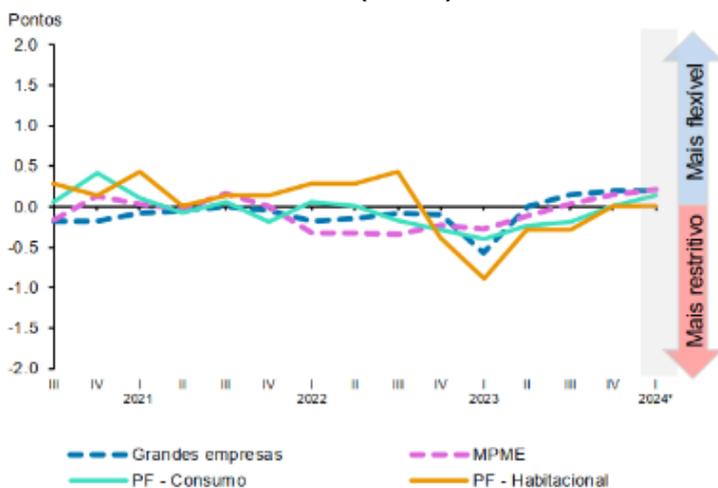
Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC/BCB)

CRÉDITO / BANCOS

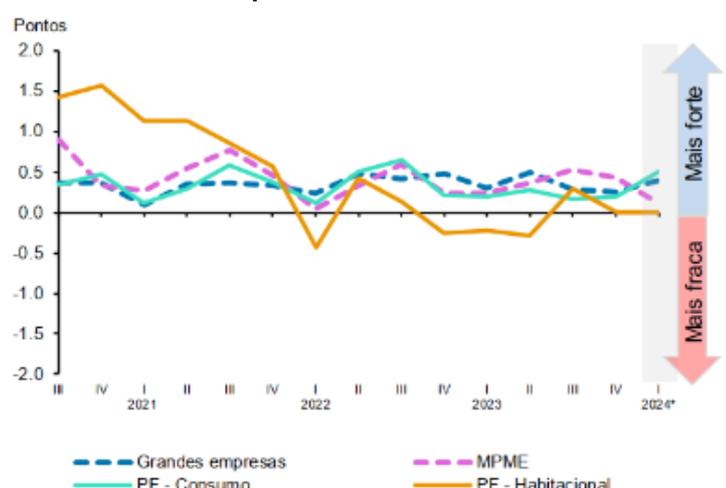
O Banco Central divulgou na última semana a [Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito \(PTC\)](#), que é realizada desde 2011 e coleta as avaliações das IFs sobre as condições do crédito bancário no SFN. A Pesquisa capta a avaliação do SFN sobre as mudanças observadas nos últimos três meses e as perspectivas para os próximos três, em relação às condições de oferta e demanda por crédito para os seguintes segmentos: i) Grandes empresas; ii) Micro, pequenas e médias empresas (MPMEs); iii) Crédito pessoal para consumo; iv) Crédito habitacional (PF). Segundo o BCB, os principais destaques captados na Pesquisa realizada no 4T23 foram:

- As condições de crédito se mostram mais favoráveis em relação ao 3T23.
- A oferta de crédito PJ se mostrou mais flexível no 4T23, com destaque para a maior competição entre bancos no segmento de grandes empresas. Para o 1T24, a expectativa é de continuidade dessa melhora.
- Observou-se no 4T23 uma melhora generalizada nos fatores de oferta para o crédito PF ligado ao consumo, com destaque para a percepção sobre o nível de comprometimento de renda do consumidor, nível de emprego/condições salariais, inadimplência e tolerância ao risco. Para o 1T24, a expectativa é de prosseguimento dessa melhora, além de um fortalecimento nas condições de demanda, auxiliado pela redução das taxas de juros e aumento da confiança do consumidor.
- A demanda geral por crédito tem se mostrado positiva, impulsionada pela redução nas taxas de juros e, no caso de PJ, também pela necessidade de investimento em ativo fixo e de capital de giro.
- Em relação ao crédito PF Habitacional, as IFs apontaram melhora ou manutenção da percepção dos fatores de oferta no 4T23 (ante o observado no 3T23), incluindo uma avaliação menos negativa sobre o custo/disponibilidade de *funding*. No entanto, espera-se nova piora neste quesito, fazendo com que este fator volte a ser bastante negativo no 1º tri de 2024.
- Quanto ao crédito destinado às MPMEs, a Pesquisa apontou pequena melhora nos fatores de oferta no 4T23, com expectativa de uma continuidade no processo de melhora ao longo do 1T24, com destaque para a captação de novos clientes e melhora da percepção sobre as condições dos clientes.
- Por fim, as IFs esperam queda da inadimplência do segmento de crédito PF ligado ao consumo, relativa estabilidade no segmento Habitacional e para as grandes empresas; e, desaceleração do movimento de alta entre as MPMEs.

Quadro 9: Indicador de Padrão de Aprovação de Crédito (Oferta)



Quadro 10: Indicador de Demanda por Linhas de Crédito



Fonte: PTC/Bacen.

* Os valores do 1T24 correspondem às expectativas dos respondentes para o trimestre. Os demais correspondem às percepções sobre a situação em cada trimestre.

Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Jan/24

CRÉDITO / BANCOS

A Anbima divulgou que as captações do mercado de capitais doméstico totalizaram R\$ 20,7 bilhões em janeiro, com forte queda no comparativo mensal (-72,6%). O desempenho mais fraco do mês é normal, dado que dezembro é o mês mais forte de emissões, enquanto janeiro é o mais fraco. Contudo, também houve queda na comparação com janeiro de 2023 (-22,0%), mostrando que o segmento começou o ano com números relativamente modestos.

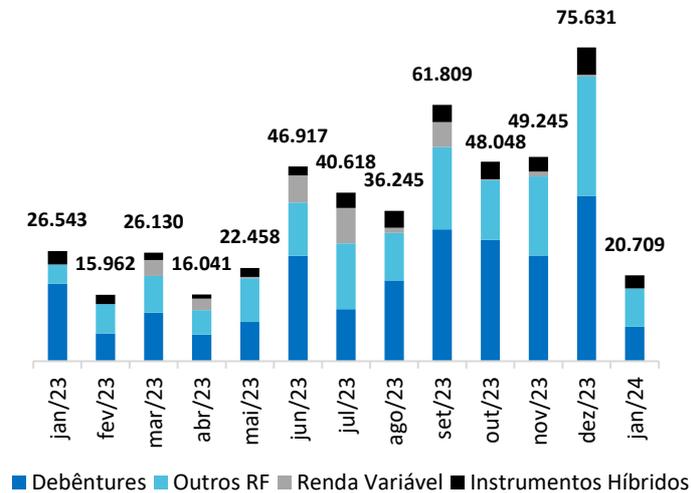
Na análise por instrumentos, no comparativo com jan/23 e em termos reais, destaque para as emissões através dos instrumentos de securitização, como os CRAs (+101,8%) e CRIs (+267,2%), que elevaram em 92,0% as captações via demais instrumentos de renda fixa (exceto debêntures). Como exemplo, as captações através dos CRAs e CRIs totalizaram R\$ 5,1 bi, representando 24,7% do total emitido no mês. Tal crescimento é destacado no Quadro 13. Lembre-se que agora em fevereiro o governo decidiu endurecer as regras de emissão destes títulos, dado que são isentos para os investidores.

Já as debêntures totalizaram R\$ 8,3 bi, caindo 57,6% ante jan/23, explicando o recuo das emissões no mês. Com isso, representaram apenas 40,0% do total captado no mês, menor patamar desde jul/23 (30,9%). Os instrumentos híbridos (FIAGROs e FIIIs), por sua vez, caíram 6,4% no comparativo anual. Por outro lado, não foram observadas novamente, assim como em janeiro de 2023, captações de *equity* (instrumentos de renda variável).

De toda forma, comparando o resultado de janeiro com meses de janeiro de anos anteriores (Quadro 12), verifica-se que o desempenho de 2024 ficou relativamente em linha com a média do mês, apesar de ter ficado abaixo de 2023.

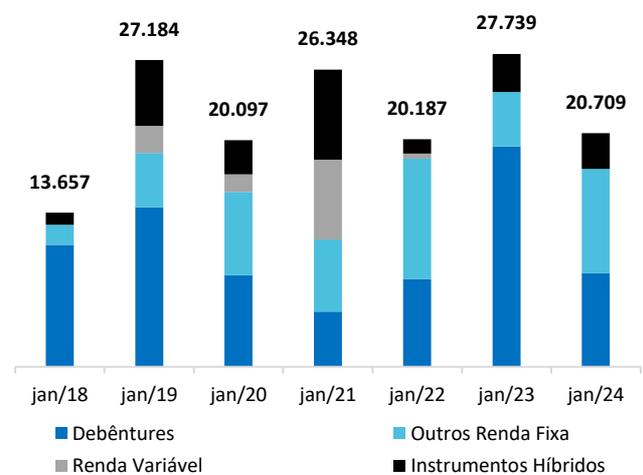
A expectativa é que o segmento mostre recuperação ao longo do ano, sustentado pelo ciclo de queda da taxa Selic. Nos próximos meses, o mercado de capitais local deve registrar um crescimento expressivo ante 2023, dada a fraca base de comparação entre fevereiro e maio, quando foi impactado pelos casos Americanas e Light. Além disso, importante observar o efeito das recentes medidas adotadas pelo governo em relação às emissões e CRAs e CRIs, que devem reduzir o tamanho deste mercado específico. A dúvida é se as empresas captarão recursos através de outros instrumentos (debêntures, por ex.), ou se decidirão adiar seus planos de investimento.

Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi



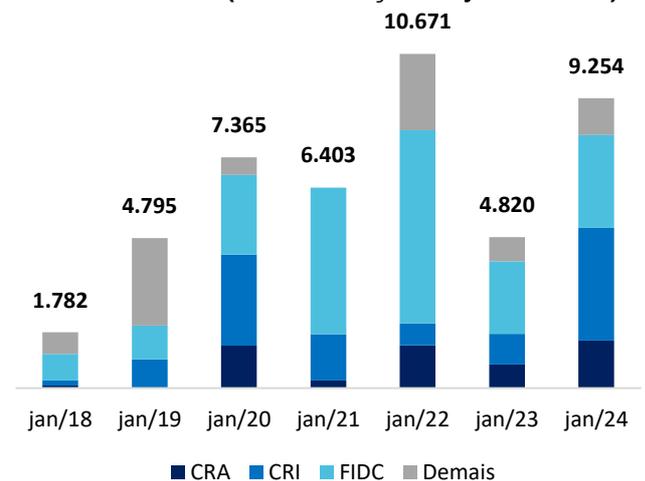
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 12: Volume de captação nos meses de janeiro (R\$ bi – Preços de jan/24 IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 13: Captações via Demais instrumentos de Renda Fixa (R\$ bi – Preços de jan/24 IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

Indicadores do Mercado	16/02/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,97	0,24%	0,22%	2,24%	-4,86%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	131,24	-3,18%	-5,45%	-0,92%	-41,26%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	11,08	-0,18%	-0,77%	-4,89%	-18,84%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	9,98	0,48%	0,80%	-0,58%	-24,08%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,48	0,96%	2,32%	4,07%	-20,52%
Índice Ibovespa (em pontos)	128.725,88	0,55%	0,76%	-4,07%	17,09%
IFNC (setor financeiro)	13.050,92	-0,70%	-0,89%	-5,45%	25,58%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	15,79%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,64	3,61%	10,34%	9,22%	0,03%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,28	2,49%	9,38%	10,31%	10,84%
Dollar Index	104,28	0,16%	0,97%	2,90%	0,40%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.005,57	-0,42%	3,30%	4,94%	22,37%
Índice de ações de bancos – EUA	99,97	1,44%	-1,98%	-8,72%	-16,15%
Índice Euro Stoxx 50	4.765,65	1,06%	2,52%	5,40%	10,90%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	119,15	1,63%	-1,87%	0,68%	1,92%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	83,47	1,56%	2,15%	8,35%	-1,96%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira